

## **Sobre o sujeito na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin**

### **The subject in (The Circle of) Bakhtin's perspective**

Cristine Gorski Severo

Universidade Federal da Grande Dourados

**Resumo:** Neste trabalho, de natureza teórica, pretende-se rastrear nos escritos (do Círculo) de Bakhtin a noção de sujeito, que está intrinsecamente relacionada a sua concepção de língua. A análise de noções básicas – signo, consciência, ideologia, dialogismo, enunciado, gênero discursivo e responsabilidade – aponta que (i) o estudo da linguagem deve, necessariamente, levar em conta sujeitos inscritos em relações intersubjetivas que ocorrem em uma dada realidade social; e (ii) tais sujeitos não são tidos como passivos, inconscientes e tampouco como autônomos e livres em relação à língua: trata-se de sujeitos dialógicos e responsáveis.

**Palavras-chave:** (Círculo) de Bakhtin; sujeito; dialogismo.

**Abstract:** Our aim is to describe and analyze in (the Circle of) Bakhtin's theory the notion of subject, which is intrinsically related to his conception of language. The analysis of basic notions – sign, conscience, ideology, dialogism, utterance, discursive genre and responsibility – show that (i) the study of language must, necessarily, consider that the subjects are inscribed in inter-subjective relations that occur in a certain social reality; (ii) such subjects are not considered passive, unconscious or autonomous and free in relation to the language: they are dialogic and responsible subjects.

**Key words:** (The Circle of) Bakhtin; subject; dialogism.

## Introdução

Pretende-se rastrear a concepção de sujeito presente nos escritos (do Círculo) de Bakhtin. Para tanto, são considerados alguns trabalhos dos anos de 1920 a 1970, que perpassam diferentes fases/faces do pensamento bakhtiniano. Sobre tais fases, nota-se que Bernard-Donals (1994) resume o projeto bakhtiniano como focado em duas grandes questões: uma voltada para o entendimento estético humano e outra para as relações sociais humanas e a história. Similarmente, Faraco (2003) aponta para a presença de duas direções nos trabalhos de Bakhtin: a primeira, própria dos primeiros escritos de Bakhtin, dedicou-se à crítica “das objetificações da historicidade vivida, obtidas pelos processos de abstração típicos da razão teórica”, se voltando para “uma fenomenologia dos atos únicos do mundo da vida” (p. 26); a outra visou à elaboração “de uma teoria marxista da chamada criação ideológica”. Por fim, Brandist (2002) esmiuça a obra de Bakhtin em cinco períodos: (i) 1919-26 – trabalhos filosóficos sobre ética e estética; (ii) 1927-29 – estudos sobre filosofia da linguagem e da significação, com referência especial ao material literário; (iii) 1934-41 – escritos sobre o romance tido como gênero e sobre a sua história; (iv) 1940-63 – trabalhos sobre literatura e cultura popular, com referência, em particular, a Rabelais, Goethe, Gogol e Dostoievski; (v) 1963-75 – estudos de caráter metodológico.

Neste artigo, para a discussão a respeito do sujeito em Bakhtin, são acionados os seguintes temas, que circulam tanto pela fase estético-ética, como social-marxista: consciência individual, signo, ideologia, significação, dialogismo, enunciado e gênero discursivo, estando todos interligados. A opção por tais temas se pauta no preceito de que, para Bakhtin, linguagem e sujeito se implicam mutuamente: Bakhtin/Voloshinov acredita que não é possível desvincular a personalidade do indivíduo da língua (discurso), uma vez que “sua atividade mental, suas motivações subjetivas, suas intenções, seus desígnios conscientemente estilísticos, não existem fora de sua materialização objetiva na língua” ([1929] 1988, p. 188). Com isso, é possível afirmar, de imediato, que a língua não é vista como um sistema abstrato de signos e, tampouco, como a expressão do pensamento individual.

A estrutura deste trabalho é a seguinte: primeiramente aborda-se a natureza sócio-ideológica da consciência/sujeito, acionando, para tanto, as seguintes noções: signo, ideologia e o problema da significação. A segunda seção trata da natureza dialógica da consciência/sujeito, explorando as concepções de enunciado (incluindo os temas da

singularidade e da expressividade) e de gênero discursivo. Em uma terceira etapa discute-se o caráter ético da perspectiva bakhtiniana de sujeito, a partir da relação existente entre dialogismo e responsabilidade. Por fim, segue a conclusão.

## 1. Sobre a natureza sócio-ideológica da consciência

Evidencia-se nos trabalhos *O Freudismo* (1927) e *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929) de Bakhtin/ Voloshinov que a mente do indivíduo possui uma natureza sócio-ideológica – ela se estrutura mediante sua inserção no universo ideológico dos signos através da interação social; o que implica que, sem o conteúdo semiótico e ideológico, a consciência seria “vazia” ou um “nada”. Nas palavras de Bakhtin/ Voloshinov ([1927] 2004, p. 78):

O que é a consciência de um homem isolado senão a ideologia do seu comportamento? Neste sentido podemos perfeitamente compará-la à ideologia na própria acepção do termo, ideologia essa que é a expressão da consciência de classe. Mas não se pode tomar como verdade nenhuma ideologia, seja individual ou de classe, nem acreditar nela sob palavra. A ideologia mente para aquele que não é capaz de penetrar no jogo de forças materiais objetivas que se esconde por detrás dela.

Posto isso, passo a tratar das noções de signo, de ideologia e a questão da significação.

O *signo* é, em sua natureza, social, exterior e ideológico e é o resultado de um consenso entre indivíduos em um processo de interação socialmente organizado, o que implica que mudanças na organização social e nas condições de interação produzem mudanças no signo; e que os signos são produzidos e compreendidos em relação a processos de comunicação que ocorrem em determinadas condições sociais, de acordo com ideologias diferentes e segundo perspectivas individuais diferentes. As leis que regem o universo dos signos são as leis da comunicação semiótica, que são determinadas por leis sociais e econômicas, sendo que a superestrutura ideológica paira acima da base econômica. Assim, o signo não pode ser criado pelo arbítrio individual, mas surge da relação entre os indivíduos no meio social, uma vez que o processo de

significação e de valoração do signo não se desvincula dessa relação. O signo é, portanto, determinado pelas formas de interação social historicamente constituídas segundo leis econômicas e sociais e ao mesmo tempo em que a realidade o determina, ele também a organiza de acordo com um certo ponto de vista valorativo (axiológico) e com o contexto de interação, ambos determinados socialmente. Por social entende-se aquilo que é historicamente estipulado, em relação às diferentes formas de produção material – e de organização cultural – e conforme as divisões de trabalho (PONZIO, 1998).

É na esfera social que se encontram as classes sociais e as comunidades semióticas que utilizam o mesmo código ideológico de comunicação; em ambas existem diferenças e conflitos, que se refletem no uso da palavra: a “mesma” palavra pronunciada por um operário ou um empresário não é mais a mesma. É esse aspecto que torna o signo vivo e plurivalente<sup>1</sup>. A palavra é tida como signo neutro, pode ser entendida como “o fenômeno ideológico mais puro [...] o objeto fundamental do estudo das ideologias” ([1929] 1988, p. 36; 38). Diferente de outros tipos de signos, a palavra não se vincula a apenas um domínio ideológico, mas a vários, o que a possibilita preencher diferentes funções ideológicas, em diferentes domínios; e é devido a essa capacidade de estar em diversos (ou todos os) domínios que ela “será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados” (ibid., p. 41). Finalmente, o que torna o estudo da palavra relevante é a sua propriedade de significação, sem a qual ela ficaria restrita a um código ou sinal.

Assim como o signo faz parte da realidade social (ele a reflete e refrata), da mesma forma, a *ideologia* não pode ser vista como algo fora do funcionamento social; muito pelo contrário, ela é constitutiva da dinâmica social e, de forma análoga, é constitutiva da própria consciência. Citando Voloshinov (apud PONZIO, 1998, p. 107): “Por ideologia entendemos todo el conjunto de los reflejos y de las interpretaciones de la realidad social y natural que tienen lugar en el cerebro del hombre y se expresan por medio de palabras [...] u otras formas sígnicas”. A(s) ideologia(s) – “através” dos signos – organizam, regulam, reproduzem, expressam e/ou subvertem as relações histórico-materiais dos homens – isso significa que a infra-estrutura e as superestruturas se vinculam de maneira dialética, sendo que o signo opera como mediador entre ambas.

---

<sup>1</sup> Segundo Bakhtin, a classe dominante tentaria apagar as diferenças, disputas e confrontos sociais ao impor ao signo um caráter monovalente.

Dado que o signo é tido como “a arena onde se desenvolve a luta de classes”, pode-se dizer que a mente é povoada pelos *confrontos ideológicos* que habitam os signos. Tais confrontos se caracterizam pela existência de duas forças contraditórias, as forças centrípetas e centrífugas: a primeira visa a manutenção da língua através de normas impostas, favorecendo a compreensão mútua em todas as esferas ideológicas e barrando a pressão do plurilingüismo; a segunda opera de acordo com a tendência ao dinamismo e à mudança da língua, favorecendo a estratificação da língua em línguas sócio-ideológicas. As *forças centrípetas* tendem à unificação e centralização das línguas – silenciando outras línguas marginais –, à canonização de certos sistemas ideológicos e, portanto, lingüísticos e à instauração da crença em uma língua única. As *forças centrífugas* tendem à descentralização, à desunificação e ao plurilingüismo. Assim, de acordo com o autor, “é possível dar uma análise concreta e detalhada de qualquer enunciação, entendendo-a como unidade contraditória e tensa de duas tendências opostas da vida verbal” (1998, p. 82).

Ademais, Bakhtin também utiliza os termos *ideologia oficial* e *ideologia do cotidiano* (não-oficial) para fazer referência, respectivamente, às formas superestruturais de cultura (arte, direito, religião, ética, conhecimento científico) e às formas ligadas à consciência individual, ao cotidiano ou ao discurso censurado, revolucionário e clandestino – esses últimos visam confrontar o discurso que se mostra como certo, único e natural (PONZIO, 1998).

Retomando: Percebe-se que o *signo* ocupa um território duplo, na consciência e na ideologia, sendo impossível separá-lo da situação social na qual ele se insere. E se a consciência e a ideologia se encontram no signo, o psíquico pode ser entendido como “o social infiltrado no organismo do indivíduo” (BAKHTIN, [1929] 1988, p. 64). Esse processo de infiltração significa que “o psiquismo se oblitera, se destrói para se tornar ideologia e vice-versa” (ibid., p. 65). Cabe ressaltar que o psiquismo tende a ir de um estágio puramente biológico em direção ao biológico + ideológico. Trata-se, por fim, de uma relação dialética entre o ideológico e o psíquico, na qual o signo externo se integra ao mundo interior, e o signo psíquico se exterioriza, passando a ser signo ideológico. Nas palavras do autor: “Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de decodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica” (ibid., p. 66).

É importante ressaltar que o *social* e o *ideológico*, para Bakhtin, não se opõem ao individual, mas ao natural. Nesse caso, ideologia não se opõe a indivíduo, uma vez que ela constitui tanto a realidade social quanto a psíquica, mas opõe-se ao natural. Mesmo a auto-consciência é um fenômeno ideológico, social e histórico, uma vez que é condicionada por fatores exteriores. Dessa maneira, “todo o produto da ideologia leva consigo o selo da individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas” (BAKHTIN, [1929] 1988, p. 59).

Tendo apresentado as noções de signo e de ideologia, pode-se estabelecer que o estudo do *psiquismo subjetivo* é possível mediante: (i) a compreensão e a análise do signo, uma vez que os signos são ideologicamente marcados e constitutivos do psiquismo; e (ii) o estudo da significação, já que “se abstrairmos a significação, perdemos, ao mesmo tempo, a própria substância da vida psíquica interior” (BAKHTIN/VOLOSHINOV [1929], 1988, p. 49).

Quanto à questão da significação, ao afirmar que se pode “estudar a evolução semântica, isto é, a história da ideologia no sentido exato do termo” ([1929] 1988, p. 194), Bakhtin/Voloshinov deixa clara a relação entre sentido e ideologia, uma vez que o sentido existe apenas em relação ao contexto ideológico e prático. O filósofo russo distingue *sentido* de *significado*: o primeiro, análogo à noção de signo, diz respeito ao estudo da língua tida como enunciado, ou seja, se ocupa das relações dialógicas (e ideológicas), únicas e singulares entre as palavras, os textos, os gêneros do discurso, as linguagens, as culturas e as épocas históricas. Ademais, vale frisar que, para Bakhtin (1997), o sentido não está sempre preso ao contexto histórico, social e cultural ao qual pertence: a distância (exotopia) pode favorecer o despertar de novos sentidos, já que há a possibilidade de sentidos adormecidos depositadas em diferentes culturas passadas serem descobertos (há possibilidades semânticas infinitas na história), na grande temporalidade; isso favorece o surgimento de formas novas de percepção do mundo. Já o significado, semelhante à idéia de sinal, trata do estudo da língua como código, como sistema fechado e estável que existe independente do mundo social e cujos elementos são constantes e repetíveis. O estudo do sentido, para Bakhtin, seria do âmbito da Metalingüística ou da Filosofia da Linguagem, enquanto o estudo do significado ficaria a cargo da Lingüística.

Ainda sobre a concepção semântica, os conceitos de sentido e significado podem ser comparados aos de tema e significação (Bakhtin/Voloshinov [1929], 1988): O *tema*,

sendo constitutivo do signo e/ou da manifestação verbal, necessariamente possui um índice de valor social, e pode ser entendido como o sentido do enunciado concreto, único, individual, dependente da situação histórica concreta, determinado tanto pelas formas lingüísticas como pelos elementos extraverbais (a situação), impossível de ser submetido à análise fragmentária e, fundamentalmente, opera como resposta a outros enunciados, por isso, requer uma compreensão ativa. A *significação*, fundada na convenção, difere do tema quanto ao seu caráter repetível, idêntico e abstrato. Em outras palavras: a significação associa-se aos elementos lingüísticos, e o tema vincula-se à situação histórica real de comunicação verbal, sendo que “o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia o seu elo com o que precede e o que segue, ou seja, ele perderia, em suma, o seu sentido” (BAKHTIN/VOLOSHINOV [1929], 1988, p. 129).

Por detrás da relação entre sentido e significado, e tema e significação está a velha discussão acerca do caráter mutável e histórico da língua e o seu caráter recorrente e sistematizável. A visão bakhtiana de língua privilegia o movimento, o devir e a história em detrimento de qualquer forma de fechamento e de cristalização da língua, mesmo que para fins “científicos” – daí a sua sugestão de uma translingüística que tenha o enunciado concreto como foco de estudo, sendo, é claro, que o enunciado se apóia sobre as características formais e repetíveis da língua. Disso, pode-se inferir que o sujeito está em constante processo de formação, sendo constituído não apenas por uma identidade, mas por várias.

E é enquanto inscritos num certo contexto sócio-ideológico, em determinado momento histórico e político e com determinada finalidade que os indivíduos se apropriam de determinados discursos. Um estudo das formas sociais de comunicação deve levar em conta, na ótica de Bakhtin, as relações de produção e a estrutura sócio-política-econômica, já que estas determinam aquelas (e vice-versa).

## **2 Sobre a natureza dialógica da consciência**

Nos escritos de Bakhtin (que variam entre seus primeiros e últimos trabalhos) reunidos na obra *A Estética da Criação Verbal* [1979] nota-se claramente uma concepção *dialógica* de língua e, conseqüentemente, de sujeito: ambos são povoadas por discursos alheios e por relações dialógicas (de confronto, aceitação, recusa, negação...) entre esses

discursos – tais relações reproduzem as dinâmicas sociais e as lutas ideológicas presentes em uma dada comunidade de classes. Assim, na esteira da concepção dialógica da linguagem, pode-se afirmar que o sujeito se constitui na sua relação com os outros: tudo o que pertence à consciência chega a ela através dos outros, das palavras dos outros. Citando Bakhtin: “nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento” (1997, p. 317).

Levando em conta a relação intrínseca entre língua e sujeito, proponho três pontos de comparação entre o *indivíduo* e o *enunciado* (unidade da comunicação verbal), a partir da idéia de dialogismo: (i) o indivíduo se constitui na sua relação dialógica com outros indivíduos, e sua consciência, que é constituída ideologicamente, o caracteriza como um sujeito social; e os enunciados, por sua vez, não existem em si mesmo: eles estabelecem entre si um tipo de relação de sentido que é *dialógica*; tal relação ocorre entre as línguas, os dialetos, os estilos, em “todo o campo do pensamento vivo do homem” (BAKHTIN, 1997, p. 348), e corresponde a diferentes vozes, percepções, sentidos e ideologias que se confrontam. Tudo que é dito/escrito se remete a um outro enunciado ou anuncia uma atitude responsiva, que é também enunciado: é desta maneira que os enunciados são dialógicos e nenhum deles existe em si mesmo. Mesmo o monólogo solitário é dialógico: seus “outros” estão implícitos nos enunciados pronunciados.

(ii) Além disso, assim como o sujeito, cada enunciado é único, singular e individual. Entretanto, tal singularidade não significa que os enunciados (ou as consciências) não estejam marcados por enunciados alheios; o que ocorre é que na medida em que os enunciados são usados por um dado indivíduo – com uma certa intenção discursiva e um horizonte ideológico, em uma certa situação social e com a presença de um destinatário – , eles ficam marcados pela expressividade daquele sujeito. A seguir dedico algumas palavras à noção de expressividade, que se vincula à idéia de singularidade.

Note-se que a expressividade não existe na língua como sistema abstrato de signos, mas no seu uso em contextos reais de comunicação social, de acordo com os gêneros. Segundo Bakhtin, “apenas o contato entre a significação lingüística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade – que se dá no enunciado – provoca o lampejo da expressividade” (1997, p. 311) ou, em outros termos, “apenas os elementos abstratos considerados no sistema da língua e não na estrutura da enunciação

se apresentam destituídos de qualquer valor apreciativo”<sup>2</sup> (BAKHTIN/VOLOSHINOV [1929], 1988, p. 135). Com isso, a expressividade da língua é conferida, por um lado, pela realidade concreta (os gêneros possuem sua expressividade típica) – que envolve a situação de comunicação real – e, por outro, pela intenção discursiva do locutor. Cada época, meio social, obra e micro-mundo possui seus enunciados, que circulam e que são compartilhados pelas pessoas; tais enunciados são assimilados pelos indivíduos, o que faz com que cada indivíduo seja atravessado por enunciados do outro. Em outros termos, os indivíduos se apropriam das palavras dos outros (com significado e expressividade) e não das palavras da língua. Ademais, o aspecto criativo atrelado às mudanças de significação se deve à apreciação valorativa: “a mudança de significação é sempre, no final das contas, uma *reavaliação*: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro” (BAKHTIN/VOLOSHINOV [1929] 1988, p. 135; grifo do autor).

A *entonação expressiva*, muito comum na comunicação verbal, é uma das formas de expressão da relação valorativa do locutor com o seu objeto. Juntamente com a seleção das palavras e a forma de disposição delas em um enunciado, a entonação opera como forma organizadora do enunciado e pode ser definida como o timbre expressivo da palavra ou a expressão fonética da avaliação social, sendo grandemente determinada pela situação e pelo auditório (VOLOSHINOV [1930] 1981, p. 304). Sobre o caráter pessoal da expressividade, Bakhtin/Voloshinov ([1929] 1988, p. 134) afirma: “quando exprimimos os nossos sentimentos, damos muitas vezes a uma palavra que veio à mente por acaso uma entonação expressiva e profunda [...] Quase todas as pessoas têm as suas interjeições e locuções favoritas [...]” Ademais, é na entonação, por ela residir na fronteira entre o verbal e o não-verbal e o dito e não-dito, que a palavra faz contato com a vida e que o locutor entra em contato com os ouvintes; nesse sentido, a entonação é, necessariamente, social (VOLOSHINOV [1926] 1981, p. 194).

Ainda no plano comparativo da singularidade, talvez se possa estabelecer a seguinte relação: assim como a singularidade do enunciado se define, principalmente, pelos seus aspectos expressivos, de forma semelhante, a singularidade dos sujeitos pauta-se na relação de valor que eles estabelecem com seus objetos de discurso (expressividade). Reitera-se, contudo, que os traços de individualidade e de elaboração estilística são

---

<sup>2</sup> Bakhtin/Voloshinov [1929] aponta que, em decorrência do objeto da Lingüística ser o sistema abstrato de signos, houve uma separação entre os aspectos apreciativo e significativo, sendo o primeiro considerado um elemento periférico da significação, que diz respeito à relação individual entre o locutor e o seu objeto de discurso.

apenas possíveis se considerarmos a inter-relação de um dado discurso com discursos alheios sobre o mesmo objeto. E é devido à linguagem estar povoada por discursos de outros que “dominá-la, submetê-la às próprias intenções e acentos é um processo difícil e complexo” (BAKHTIN, [1934-35] 1998, p. 100), porém possível: Bakhtin descreve a função árdua do poeta que é desembaraçar as palavras das intenções e expressividade do outro.

(iii) Uma outra comparação entre indivíduo e enunciado pode ser feita nos termos das dicotomias: indivíduo social vs. biológico, e enunciado vs. palavra/oração. Assim como o indivíduo biológico não tem a capacidade de significar o mundo e, portanto, não é capaz de operar na lógica do funcionamento da realidade social, a palavra/oração, como unidade abstrata da língua, é incapaz de estabelecer o contato da significação lingüística com a realidade concreta.

Dado que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, sendo isso que chamamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, [1952-53] 1997, p. 179), acredito ser possível estabelecer uma aproximação entre sujeito e *gênero discursivo*: Os sujeitos se apropriam da linguagem ao se tornarem imersos nas variadas formas de comunicação verbal, que se associam a diferentes esferas da comunicação humana e que definem os infinitos gêneros discursivos existentes. Cada gênero impõe um certo ponto de vista, uma atitude, uma forma de pensamento e uma entonação, de acordo com a esfera de atividade humana à qual ele se associa. Desse modo, a consciência é determinada por fatores exteriores a ela, que, para Voloshinov ([1927] 2004, p. 86), são “fatores socioeconômicos”. Assim, é enquanto inscrito num gênero discursivo determinado, vinculado a uma certa esfera humana – em uma realidade discursiva, plural, heterogênea e em constante interação ideológica, social e verbal – que o sujeito se apropria da linguagem e se constitui, sendo que tal apropriação sempre ocorre através do outro.

Vale mencionar ainda a dimensão dialética dos gêneros: ao mesmo tempo em que se constituem em torno de uma demanda sócio-histórica de interação verbal entre os falantes, eles produzem visões de mundo e, portanto, formas de ação no mundo. E o caráter de (certa) estabilidade dos gêneros se relaciona à estabilidade das atividades humanas, as quais possuem tanto um caráter de recorrência quanto de novidade. Quanto mais o indivíduo domina os gêneros nos quais ele se inscreve, maior entendimento ele possui de si mesmo, o que aumenta sua capacidade consciente de escolha de uso de certos gêneros. O domínio dos gêneros implica, também, a facilidade de circulação pelas

esferas humanas; assim, gênero e inserção social (cidadania) estão diretamente correlacionados.

Sobre a “escolha” do gênero, há alguns aspectos que interferem na sua seleção, como a especificidade da esfera da comunicação verbal, a finalidade discursiva, o destinatário, o tema e, é claro, o querer-dizer do locutor. A possibilidade de escolha se evidencia mais claramente nas esferas de comunicação da vida cotidiana: os gêneros livres e criativos permitem uma intervenção individual criativa, como o que ocorre nos gêneros das conversas do dia-a-dia, da intimidade familiar... Contudo, o indivíduo não é totalmente livre para recriar um gênero, uma vez que, para usar livremente os gêneros, os indivíduos deveriam dominá-los e tal domínio generalizado torna-se impossível, uma vez que as esferas de comunicação são infinitas. Embora os sujeitos não possam inventar novos gêneros, eles podem reformulá-los e empregá-los com criatividade e liberdade, na extensão em que possuem domínio sobre eles. Segundo Bakhtin ([1952-53] 2003), na medida em que os indivíduos gerenciam os gêneros, eles são capazes de perceber nesses a sua individualidade, refletindo de forma mais precisa o seu querer-dizer e de maneira mais flexível o caráter singular e único da comunicação verbal. Na fala de Bakhtin: “realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso” ([1952-53] 2003, p. 285).

A questão das normas/restrições impostas pelo gênero afetando a liberdade do projeto discursivo é atenuada por Faïta (1997), ao apontar uma certa contradição: a reflexão sobre a própria individualidade passa pelo reconhecimento da relação entre o uso da língua e os diferentes domínios em que essa atividade se faz, o que leva o indivíduo a possuir um certo domínio dos gêneros e, conseqüentemente, da possibilidade de subvertê-los:

podemos, simulando uma atividade numa outra, desviar um gênero de seu destino e contribuir assim, num determinado momento da história, para novas formas de estratificação discursiva, conseqüentemente, para o aparecimento de novas variedades entre a infinita variedade de gêneros. (p. 173)

Em face de tal possibilidade de subversão, pode-se, porém, indagar: até que ponto a invenção de novos gêneros, em esferas nas quais os gêneros estejam mais padronizados, não corre o risco de, ao se romper com o gênero comumente utilizado, romper com o sentido daquilo que é enunciado e, portanto, com a própria possibilidade do enunciado? Se os gêneros refletem as esferas de atividade humana, até que ponto é

possível criar novos gêneros sem que haja atividades humanas correspondentes a eles? Bakhtin/Voloshinov ([1929] 1988) defende que as motivações e intenções dos falantes não podem criar formas lingüísticas novas, uma vez que eles são limitados pelas possibilidades lingüísticas já existentes e pelas condições de comunicação sócio-verbal presentes em seu grupo<sup>3</sup>; segundo o autor, essas possibilidades e condições, já dadas, organizam o horizonte lingüístico dos indivíduos. Nas palavras do lingüista russo:

Não importam quais sejam as intenções que o falante pretenda transmitir, quais os erros que ele cometa, como ele analise as formas, misture-as ou combine-as, ele nunca criará um novo esquema lingüístico nem uma *nova tendência na comunicação sócio-verbal*. As suas intenções subjetivas terão um caráter criativo apenas quando houver nelas alguma coisa que coincida com tendências na comunicação sócio-verbal dos falantes em processo de formação, de evolução; e essas tendências dependem de fatores sócio-econômicos. (p. 176; grifo meu)

Finalizando esta seção, a natureza dialógica da linguagem (enunciados) caracteriza a consciência dos sujeitos (uma vez que esta é habitada por signos) e, conseqüentemente, os próprios sujeitos; e é enquanto inscritos nas esferas de comunicação verbal (que determinam os gêneros discursivos) que os sujeitos se constituem, sendo que tais esferas regulam a maneira pela qual a língua é utilizada, limitando a liberdade do sujeito de escolha do gênero a ser utilizado.

É a noção de dialogismo que possibilita perceber o projeto ético de Bakhtin, dado que os sujeitos se constituem, necessariamente, na sua relação (dialógica) com o outro; ou seja, na perspectiva bakhtiniana tem-se “a intersubjetividade como logicamente anterior à subjetividade”<sup>4</sup> (TODOROV, 1981, p. 51). É deste tema que trata a seção seguinte.

### 3 O dialogismo e a responsabilidade

---

<sup>3</sup> Sobre as limitações da liberdade individual na criação do gênero, Holquist (1990, 70) comenta: “We may speak of a particular person’s style; but an individual cannot, of course, constitute a genre. For the collective aspect of genre as such insures that the rise or fall of a specific genre will be a more accurate measure of the social and historical forces at work over long spans of time than the vogue for a style or (least of all) the reputation of specific authors”.

<sup>4</sup> “l’intersubjectivité comme loiquement antérieure à la subjectivité” (Todorov, 1981, p. 51).

O indivíduo é socialmente constituído não porque está submetido às diversas instituições sociais, mas porque se inscreve numa relação de mão dupla com elas e com outros indivíduos – o sujeito é tanto passivo quanto ativo na dinâmica social. Os sujeitos ocupam determinados espaços sociais que, fisicamente e axiologicamente, são espaços singulares: duas pessoas não podem ocupar, simultaneamente, os mesmos espaços, a partir dos quais seus pontos de vista se organizam<sup>5</sup>. Tais espaços marcam a singularidade e a responsabilidade (estar compelido a responder/assumir uma posição) dos sujeitos:

Nós somos responsáveis no sentido de que somos compelidos a responder [...] Cada um de nós ocupa um lugar na existência que é unicamente nosso; mas, longe de ser um privilégio [...] a singularidade do lugar que eu ocupo na existência é, no sentido mais profundo da palavra, uma responsabilidade (answerability) [...] nós devemos continuar a elaborar respostas enquanto estivermos vivos<sup>6</sup> (HOLQUIST, 1990, p. 30)

Ademais, o aspecto dialógico também antecipa uma resposta do outro, sendo que o ouvinte não é alguém passivo na interação sócio-verbal – sua réplica e resposta provocam um outro discurso-resposta; trata-se, neste caso, de uma compreensão ativa por parte do ouvinte, pois é sobre o fundo apreciativo do ouvinte que a enunciação atua: toda compreensão dialógica implica em uma atribuição de valor. Por compreensão, Bakhtin (s/d [1919-1921], p. 35) entende que “compreender um objeto é compreender meu dever em relação a ele (a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele), isto é, compreendê-lo em relação a mim mesmo [...] e isso pressupõe minha participação responsável, e não uma abstração de mim mesmo”. Trata-se, portanto, de uma compreensão ativa. É nesse sentido que o sujeito é visto como ativo e criador – assumindo uma certa posição política e ética na vida.

Assim, o estudo do sujeito cuja existência se dá através da linguagem, que é dialógica, só pode ocorrer através de uma relação dialógica: impossível tomá-lo como objeto de estudo num campo cuja forma de atuação seria monológica (como nas ciências exatas). Cabe, então, ao “cientista” permitir com que os enunciados alheios constituam a

---

<sup>5</sup> Para Bakhtin, os espaços ocupados pelos indivíduos se diferenciam “not only because our bodies occupy different positions in exterior, physical space, but also because we regard the world and each other from different centers in cognitive time/space” (HOLQUIST, 1990, p. 21).

<sup>6</sup> “We are responsible in the sense that we are *compelled* to respond [...] Each one of us occupies a place in existence that is uniquely ours; but far from being a privilege [...] the uniqueness of the place I occupy in existence is, in the deepest sense of the word, an answerability [...] we must keep on forming responses as long as we are alive.”

sua pesquisa e sua própria consciência – somente dessa forma, eticamente (responsavelmente), é possível uma aproximação com a realidade.

Além disso, qual seria o lugar atribuído à liberdade? Para Bakhtin ela não se associa a possíveis modificações a serem operadas na materialidade da existência (no mundo), mas apenas no(s) sentido(s) atribuído(s) à existência, uma vez que os componentes da realidade não mudariam (apenas) com a alteração dos sentidos. É na possibilidade de alterar os sentidos que o exercício da liberdade opera; tal modificação, no entanto, só é possível porque a natureza da língua é mutável, o que implica que os sentidos nunca são estabilizados e acabados. Bakhtin comenta sobre a mutabilidade dos sentidos: “[...] no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo)” (1997, p. 414). Vale ressaltar que os sentidos apenas nascem no contexto de relação entre dois sujeitos: esta liberdade só é possível num contexto dialógico e historicamente constituído. Citando Todorov (apud BAKHTIN, 1997): “O sentido é liberdade e a interpretação é o seu exercício: este parece ser o último preceito de Bakhtin” (p. 20). Ademais, a condição para o exercício da liberdade é a participação no mundo, que tem a ver com a idéia de responsabilidade, ou seja, de oferecer uma resposta aos enunciados e discursos que atravessam e constituem os sujeitos.

## **Considerações finais**

Neste artigo pretendeu-se rastrear em alguns escritos (do Círculo) de Bakhtin a noção de sujeito subjacente à concepção de língua que o teórico possui. Língua, sujeito (e mundo social) se encontram na idéia de que a mente é habitada por signos que possuem uma natureza social, ideológica e dialógica. Com isso, pode-se dizer que o sujeito concebido por Bakhtin não é autônomo nem criador de sua própria linguagem; ao contrário, ele se constitui na relação com outros indivíduos, que é atravessada por diferentes usos da linguagem, de acordo com a esfera social na qual o sujeito se inscreve. Tais esferas sociais (e os usos da língua) são reguladas segundo fatores sócio-econômicos. Seria impossível, então, ser um sujeito sem a relação com o outro. Nesse contexto, a singularidade dos indivíduos é possível devido ao caráter plural e heterogêneo da própria realidade: porque existem variadas vozes, verdades, pontos de vista etc., o universo do indivíduo não se remete a uma realidade única, mas a várias.

Ademais, trata-se, para a perspectiva bakhtiniana, de um sujeito do conflito, ou seja, sua consciência está habitada por signos onde a luta de classes (a tensão entre as forças centrípetas e centrífugas) ocorre. Assim, o processo de constituição das identidades é inacabado e permanece em constante modificação. E por detrás desta visão conflituosa da linguagem (e da realidade) se encontra uma visão política de mundo, que pode ser assemelhada à concepção foucaultiana de que as relações intersubjetivas são, fundamentalmente, relações de poder.

Por fim, pode-se afirmar que o sujeito/indivíduo em Bakhtin deve ser visto em relação às categorias da dispersão (ao invés da centralização), do concreto (ao invés do abstrato), do singular (ao invés do repetido), da alteridade (ao invés do eu), do diálogo (ao invés do monólogo), do convívio (ao invés da solidão), do discursivo (ao invés do sistema abstrato de signos), do heterogêneo (ao invés do homogêneo) do sentido (ao invés da significação) e do devir (ao invés da cristalização).

### Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. *O Freudismo* (1927) (trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929) (trad. Michel Lahud; Yara F. Vieira). São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal* (trad. Maria Ermantina G. G. Pereira). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal* (trad. Maria Ermantina G. G. Pereira). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso* (1952-53). In: BAKHTIN, M., 1997; 2003.

\_\_\_\_\_. *O problema do texto* (1959-61). In: BAKHTIN, M., 1997; 2003.

\_\_\_\_\_. *O discurso no romance* (1934-35). In: BAKHTIN, M., 1998 [1988].

\_\_\_\_\_. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance* (trad. Carlos Vogt e Eny Orlandi). 4ª ed. São Paulo: Unesp, 1998 [1988].

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato* (1919-1921). Tradução inédita, sem revisão, destinada ao uso didático de Carlos Alberto Faraco e Cristivão Tezza do texto da edição americana *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993.

BERNARD-DONALS, Michael F. *Mikhail Bakhtin – Between Phenomenology and Marxism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

BRANDIST, Craig. *The Bakhtin Circle – Philosophy, Culture and Politics*. Londres: Pluto Press, 2002.

FAÏTA, Daniel. A noção de “gênero discursivo” em Bakhtin: Uma mudança de paradigma. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 159-177.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e Diálogo – as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

HOLQUIST, Michael. *Dialogism: Bakhtin and his world*. London: Routledge, 1990.

PONZIO, Augusto. *La revolución bajtiniana. El pensamiento de Bajtín y la ideología contemporánea*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique, suivi de Ecrits du cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981.

VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. Le discours dans la vie et le discours dans la poésie (1926). In: TODOROV, T., 1981. p. 181-215.

\_\_\_\_\_. La structure de l'énoncé (1930). In: TODOROV, T., 1981. p. 287-316.